

Merkel anunciou sua disposição de apoiar a reeleição de Sarkozy. Por *Klaus F. Zimmermann*

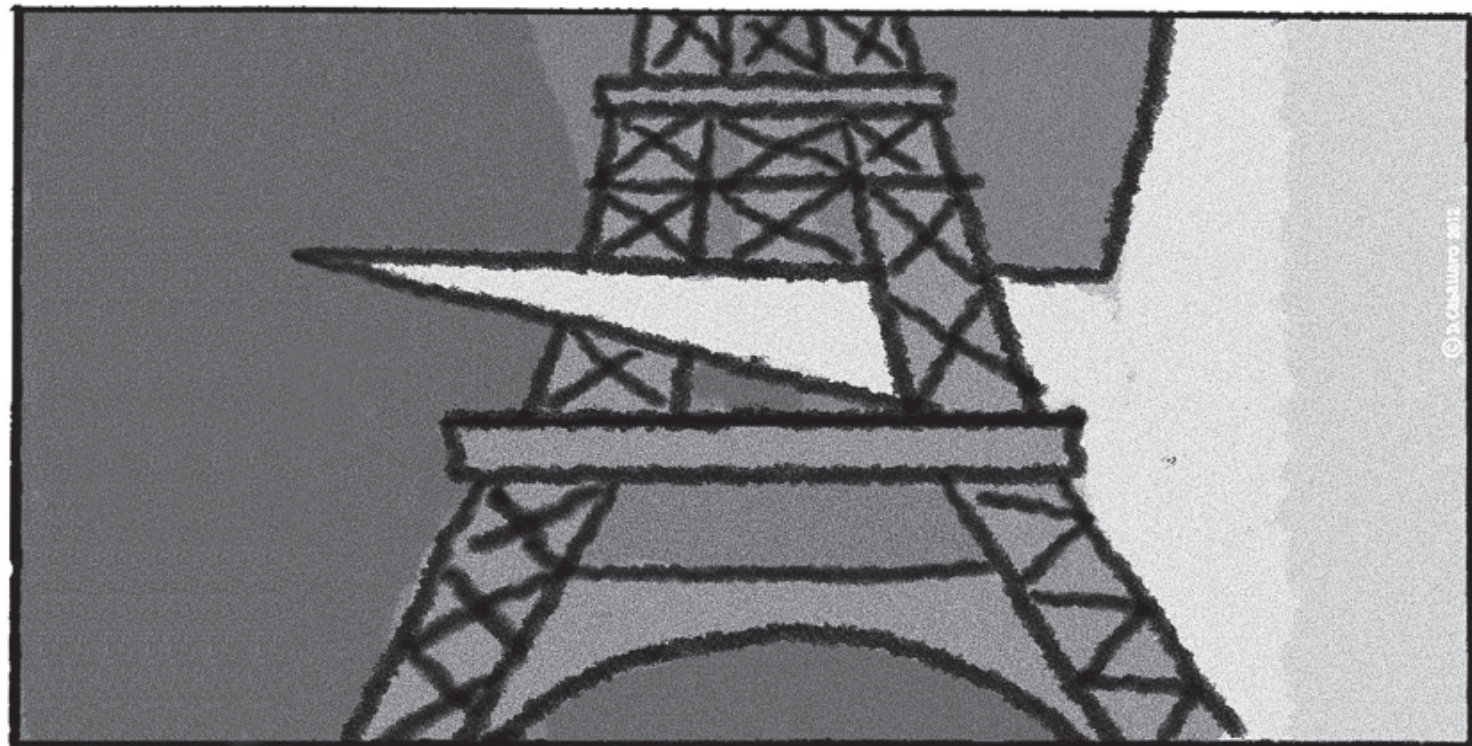
A França de Hollande: atrás da Itália?

As reformas do mercado de trabalho recentemente anunciadas na Itália e Espanha chegam bem atrasadas, mas colocam os dois países na trilha certa para um futuro mais próspero. Portugal e Irlanda também vêm adotando várias medidas acertadas. Tudo isso deve ser elogiado como um benefício a mais para toda a Europa. Nesse contexto, é ainda mais lamentável que a França, sob o suposto comando de François Hollande, possa se mover na direção contrária, que possa buscar reverter as tímidas reformas que Nicolas Sarkozy conseguiu levar adiante.

Se o candidato do Partido Socialista à presidência for de fato eleito e seguir o que vem anunciando, ele deixará a França sob risco de passar a ser vista, muito rapidamente, como o país que está assumindo o lugar que pertencia à Itália pré-Mario Monti. Sim, “monsieur” Hollande apoiou as reformas no mercado de trabalho alemão promovidas pelo ex-primeiro-ministro do país, Gerhard Schroeder, há mais de dez anos, mas apenas com palavras. Essas medidas adotadas pela Alemanha mostraram que o desemprego pode ser derrubado mesmo em meio a uma crise econômica mundial e mesmo em uma economia com alto custo da mão de obra.

Hollande, no entanto, não parece compreender que depender de elevações ainda maiores dos impostos foi exatamente o caminho que os sociais-democratas alemães, suas almas gêmeas ideológicas, não seguiram. Basicamente, Schroeder percebeu que, para a economia voltar a crescer, a parcela do setor público no Produto Interno Bruto (PIB) não podia ser aumentada nem mais um pouco.

Os sociais-democratas lançaram e executaram, de fato, um corajoso experimento social e econômico. Demonstraram que os partidos de esquerda podiam perfeitamente tomar as medidas acertadas para reestruturar e voltar a dinamizar a economia nacional, com a redução de benefícios e encolhimento do papel do Estado na economia. No mínimo, essa é a lição que Hollande deveria aprender, especialmente tendo em vista que a participação do setor público na economia francesa é consideravelmente maior que a da Alemanha. Em vez disso, ele opta por um caminho especial francês, argumentando, na



Quanto mais tempo Paris demorar para entrar a bordo do que é uma visão global da Europa, pior para o país. Os governos da Itália e Espanha não deixarão escapar nenhuma oportunidade futura para ressaltar que estão avançando rapidamente à sua frente.

prática, que as leis econômicas que se aplicam no resto do mundo não valem para a França.

Isso é ainda mais lamentável, porque uma França na direção errada, uma França que deseje reabrir as negociações sobre o pacto fiscal da União Europeia (UE) e uma França que não corrija suas escolhas do passado, na melhor hipótese, está destinada a atrasar o processo de reforma europeu. O crescimento e os empregos só voltarão ao país bem mais tarde. Na pior, poderia ameaçar paralisar o Banco Central Europeu (BCE), que hoje, em muitos sentidos, é o verdadeiro motor da integração europeia.

Uma reviravolta como essa seria duplamente lamentável, já que Nicolas Sarkozy, pela TV francesa, recentemente aderiu à abordagem alemã para os assuntos sociais e econômicos. A primeira-ministra da Alemanha, Merkel, por sua vez, rompeu com protocolos do passado e declarou disposição em fazer campanha a favor do atual presidente francês para ajudá-lo a se reeleger.

Qualquer um que conheça os altos e baixos da história franco-alemã admitirá que, sob qualquer aspecto, trata-se de uma aposta de alto risco. Em um ano em que franceses e alemães se aproximam do 50º aniversário de seu Tratado de Amizade, a melhor evidência da proximidade das relações entre os dois países seria se “monsieur” Hollande, caso eleito, repensasse o rumo de suas políticas.

Recentemente, até o Banco Mundial, sob a égide de Bob

Zoellick, que pode ser caracterizado mais como um crítico da política econômica alemã do que o contrário, declarou claramente que países como a França vêm elevando excessivamente os custos do mercado de trabalho, sendo que o número de horas trabalhadas é cada vez menor e os benefícios pelo tempo de folga, generosos demais. No caso da França, o Banco Mundial declara que a estratégia não é sustentável em uma economia mundial marcada cada vez mais pela concorrência entre fronteiras.

O pior sobre os pronunciamentos de Hollande é que trazem expectativas na população francesa, que provavelmente ficará dolorosamente desapontada. Embora todas as críticas de Hollande ao setor financeiro sejam justificadas, certamente essa não é a raiz da falta de competitividade da França. E culpar os bancos certamente não torna o país mais responsável fiscalmente a ponto de poder reduzir a idade mínima de aposentadoria de volta para os 60 anos, como Hollande pretende fazer.

Se ele observasse as escolhas feitas pelos sociais-democratas alemães há dez anos, entenderia que não optaram pela abordagem sem motivo. As reformas foram, e algumas delas ainda são, extremamente dolorosas. Mas não havia alternativa. Altos padrões de vida precisam ser conquistados, não apenas reivindicados.

Pelo mesmo motivo, na Europa de hoje, a batalha certamente não se trata de tornar-se mais “alemão”. Dizer isso mostra pro-

fundo engano sobre as realidades mundiais, em particular sobre as pressões competitivas que emanam de uma economia global que se integra rapidamente.

Se é possível culpar os alemães de algo, então é por terem mostrado disposição em abandonar qualquer atitude de superioridade e por terem percebido que precisavam se adaptar. Os alemães talvez possam ser descritos como a economia mais internacional da Europa, por sua orientação às exportações e pelas reformas bem-sucedidas no mercado de trabalho. Em minha opinião, essa é a verdadeira forma de liderança da Alemanha — e a única relevante.

Quanto mais tempo a França demorar para entrar a bordo do que é uma visão, não alemã, mas global da Europa, certamente pior será para a França e para toda a Europa. Podem contar, no entanto, que os governos da Itália e Espanha, concentrados em reformas, não deixarão escapar nenhuma oportunidade futura para ressaltar que estão avançando rapidamente à frente da França. Os dois países já ganharam vantagens em termos de flexibilidade do mercado de trabalho e em breve, é de se esperar, também vão ganhar em dinamismo econômico. *(Tradução de Sabino Ahumada)*

Klaus F. Zimmermann é diretor do Instituto de Estudos do Trabalho (IZA), uma rede de pesquisas com mais de 1,1 mil economistas especializados na área de trabalho por todo o mundo.
www.iza.org